

PAISAGEM CRIATIVA: POR QUE PERMANECEMOS NA PROVÍNCIA?

Martin Heidegger, 1933

Preliminares

Por Maria Assumpção Rodrigues¹

O texto apresentado abaixo, “Paisagem Criativa: por que permanecemos na província? ”, de Martin Heidegger (1889-1976), foi escrito em 1934, ano em que o filósofo recusou o segundo convite para ocupar a prestigiosa cadeira de Filosofia em Berlim. A vida na província foi central para a polêmica justificativa oficial desta recusa.

O texto descreve o “mundo de trabalho” de Heidegger na sua cabana em Todtnauberg, há 25 km ao sul de Freiburg, na Floresta Negra. Foi apresentado pela primeira vez num programa de rádio e, logo em seguida, publicado como um artigo do jornal *Der Alemanne*, em 7 de março de 1934 – um mês após sua demissão da reitoria na Universidade de Freiburg. A primeira tradução deste texto para o inglês é de autoria de Thomas Sheehan, publicada em Chicago após quase 50 anos da sua primeira publicação (em 1981²).

¹ O primeiro convite foi feito em 1931; após a recusa de Heidegger, Nicolai Hartmann aceitou ocupar essa cadeira.

² Sheehan, T., ed., *Heidegger: The Man and the Thinker*. (Chicago: Precedent Press, 1981) 27-29.

Esta tradução para a língua portuguesa foi realizada por Marta Maria Assumpção Rodrigues, a partir do texto de Thomas Sheehan; mas, da versão publicada numa coletânea de escritos do filósofo alemão, em 2006, editada por Manfred Stassen³. O texto contou com a revisão técnica de Gabriele Ella Elisabeth Lipkau, a partir do original em alemão⁴.

O “velho amigo” de Heidegger, “um camponês de 75 anos” mencionado no texto é Johann Brender. Foi na casa da fazenda deste amigo que Heidegger escreveu sua obra prima incompleta *Ser e Tempo*, publicada pela primeira vez em 1926.

PAISAGEM CRIATIVA: POR QUE PERMANECEMOS NA PROVÍNCIA?

Martin Heidegger, 1933.

Na escarpa de um vale ao sul da Floresta Negra, à altitude de 1.150m, está uma pequena cabana de esqui, cuja base mede 6 por 7 metros. O telhado baixo cobre três cômodos: a cozinha, que também é sala de estar, o dormitório e um estúdio. As casas das fazendas, com seus grandes telhados sobressalientes, encontram-se em ampla disposição espalhadas pela base estreita do vale e na encosta oposta, igualmente íngreme. Acima da ladeira, os prados e pastagens levam à floresta com seus pinheiros antigos, altos e escuros. Por cima de tudo isso, um céu claro de verão em cuja vastidão radiante dois falcões deslizam à volta em largos círculos.

Esse é o meu mundo de trabalho – visto pelo olhar *contemplativo* dos hóspedes e dos recém-chegados para o verão. Na realidade, eu mesmo nunca observo a paisagem. Experimento

³ Stassen, M., ed., *Martin Heidegger: Philosophical and Political Writings* (The German Library; v. 76) (New York: The Continuum International Publishing Group Inc., 2006) 16-18.

⁴ Heidegger, M. *Aus Der Erfahrung Des Denkens, 1910-1976* (Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1983) 9-13.

a sua transformação de hora em hora, do dia para a noite, nas grandes idas e vindas das estações. A gravidade das montanhas e a dureza de suas rochas primitivas, o lento crescimento dos pinheiros, o brilho, o esplendor simples dos prados em flor, o murmúrio do riacho da montanha em uma longa noite de outono, a severa simplicidade das áreas cobertas com neve, tudo isso se insere e penetra e se lança no ser-aí [*Dasein*] cotidiano lá em cima.

E isso, por sua vez, não ocorre em momentos propositados de uma imersão prazerosa e empatia artificial, mas só quando o próprio ser-aí [*Dasein*] mergulha em seu *trabalho*. O trabalho abre o primeiro espaço para a realidade dessas montanhas. O desenvolvimento do trabalho fica encravado na história da paisagem.

Quando, em plena noite de inverno, uma nevasca furiosa empurra o repouso da cabana e com seus golpes tudo cobre e vela, *então*, é o tempo da filosofia. Suas perguntas ficam, *então*, simples e essenciais. O estudo de cada pensamento só pode ser duro e rigoroso. O esforço da expressão linguística é como a resistência dos enormes pinheiros contra a tempestade.

E o trabalho filosófico não acontece como uma ocupação isolada de um excêntrico. Ele é o centro do trabalho dos camponeses. Quando o jovem camponês, carregado com uma pilha de toras de faia, arrasta montanha acima o pesado trenó em forma de chifre para, em seguida, trazê-lo de volta por uma perigosa decida, quando o vaqueiro toca o seu rebanho para cima da ladeira com passo lento e perdido em pensamento, quando o camponês prepara incontáveis telhas de madeira para o telhado de sua sala, *então*, o meu trabalho é *do mesmo modo*. Nisto está enraizada a imediata correspondência com os camponeses. O habitante da cidade acha que “se mistura com o povo” assim que se digna a ter uma longa conversa com um camponês. À noite, num intervalo de trabalho, quando me sento junto à lareira com os camponeses, ou à mesa no Herrgottswinkel⁵, *então*, na maioria das vezes, não falamos nada. Fumamos nossos cachimbos *em silêncio*.

⁵ Herrgottswinkel: nome de estabelecimento. Tradução: Recanto do Senhor.

Talvez alguém até diga alguma coisa enquanto isso, que o trabalho com a lenha nas florestas está terminando, que na noite anterior a mata invadiu o galinheiro, que amanhã uma vaca provavelmente irá parir, que o camponês Oehmi sofreu um derrame cerebral, que logo o tempo “vai virar”. O domínio íntimo do próprio trabalho com a Floresta Negra e sua gente vem de um insubstituível enraizamento centenário no solo alemânico-suábico.

Quando muito, a chamada estadia no campo deixa o habitante da cidade “inspirado”. O conjunto de meu trabalho, porém, é sustentado e conduzido pelo universo dessas montanhas e seus camponeses. Ultimamente, de tempo em tempo, meu trabalho lá em cima é interrompido por longos períodos por causa de negociações, viagens para conferências, reuniões e pelo meu trabalho docente aqui em baixo. Mas assim que subo novamente para lá, já nas primeiras horas de estada na cabana, todo o mundo de questões anteriores se aproxima de mim, inclusive, exatamente como o havia gravado quando o deixei. Eu sou simplesmente deslocado para dentro da própria vibração do trabalho e, na realidade, não tenho nenhum poder sobre suas leis ocultas. Frequentemente os habitantes da cidade ficam admirados com o longo e monótono isolamento dos camponeses entre as montanhas. Mas não é isolamento, é *solidão*. Nas grandes cidades, o Homem pode com facilidade ser tão *só* como *difícilmente* estaria em qualquer outro lugar. Mas lá ele nunca é solitário. Pois, a *solidão* tem o poder específico não de nos *isolar*, mas o de *projetar* todo ser-á [Dasein] na proximidade da ampla essência de todas as coisas.

Lá fora é possível, por meio de jornais e revistas, tornar-se uma “celebridade” da noite para o dia. Esse ainda é o meio mais garantido de ter suas próprias intenções *mal interpretadas* e rápida e completamente esquecidas.

Em compensação, a memória camponesa tem sua *fidelidade* simples, certa e constante. Recentemente, uma senhora camponesa de lá veio a falecer. Ela proseava comigo com frequência e com prazer e com isso esquadrinhava antigas histórias do vilarejo. Na sua linguagem vigorosa, plástica, ela ainda preservava muitas palavras e vários ditados antigos que, hoje, se tornaram

ininteligíveis para os jovens do vilarejo e, por isso, se perderam à língua falada. No ano passado –enquanto eu vivia sozinho na cabana, semanas a fio – esta camponesa com seus 83 anos, às vezes, subia a ladeira íngreme para me visitar. Toda vez ela dizia que queria se certificar se eu ainda estava lá ou se “alguém” havia, repentinamente, me roubado. Ela passou a noite de sua morte conversando com seus familiares. Uma hora e meia antes de seu fim, ela ainda mandou que enviassem uma saudação para o “Senhor Professor”. – Tal lembrança vale incomparavelmente mais do que a mais habilidosa “reportagem” de qualquer jornal internacional sobre minha pretensa filosofia.

O mundo urbano corre o perigo de sucumbir a um *contra-senso* destrutivo. Parece que uma impertinência *muito* estridente, *muito* ativa e *muito* na moda quer se preocupar com o mundo camponês e seu ser-aí [Dasein]. Mas *assim* está se negando exatamente aquilo que *agora* é a única coisa necessária: manter *distância* do ser-aí [Dasein] do camponês, *mais* do que nunca deixá-lo à sua própria lei; *tirar as mãos* – para não arrastá-las à uma tagarelice mentirosa dos literatos sobre índole nacional e território permanente. O camponês não precisa e não quer esse pieguismo urbano. No entanto, o que ele precisa e quer é o *compasso reservado* em relação à sua própria natureza e sua independência. Hoje em dia, porém, muitas pessoas da cidade que chegam e passam por aqui – inclusive os esquiadores – se comportam no vilarejo ou na fazenda *como se* estivessem se “divertindo” em um parque de diversões na cidade. *Tal atividade* destroça em *uma* noite mais do que jamais pode décadas de ensinamento acadêmico sobre nacionalidade e folclore promover.

Deixemos de lado toda essa bajulação condescendente e falso populismo – aprendamos a levar *a sério* a simplicidade e dureza do ser-aí [Dasein] de lá de cima. Somente *então*, ele falará conosco novamente.

Recentemente a *Universidade de Berlim* me convidou pela segunda vez. Numa ocasião dessas eu me retiro da cidade e vou para a cabana. Ouço o que as montanhas e as florestas e as fazendas dizem. Vou até o meu velho amigo, um camponês de 75 anos de

|280|

Paisagem Criativa: por que....

idade. Ele havia lido sobre o chamado de Berlim nos jornais. O que ele dirá? Lentamente dirige o olhar firme de seus olhos claros para os meus, mantém a boca rigorosamente fechada, coloca a sua mão fiel-pensativa no meu ombro e – *sacode* a cabeça de maneira quase imperceptível. Isso quer dizer: implacável *Não!*

HEIDEGGER, Martin, *GERSAMTAUSGABE. I. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1910-1976. Band 13. Aus Der Erfahrung Des Denkens* (Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann GmbH, 1983) p. 9-13

Tradução de Maria Assumpção Rodrigues
Revisão técnica de Gabrielle Lipkau